

A envergadura que falta a Desmoulins, essa a possui Danton o advogado ao Parlamento. Cheio de energia, de decisão e de vontade, preenche todos os requisitos para o ofício de magarefe para com aqueles que impedem a edificação da nova sociedade. Danton ignora as sensibilidades. Não recua ante meio algum, por horrível que seja. Animam-no todos os instintos homicidas e vingativos do povo. É uma força da natureza. Na sua cólera ecoa a selvageria dos elementos.

Sua carreira fora até então a dum arrivista. Graças a seu casamento com a filha dum patrão de café, conseguiu os meios para comprar, dum velho membro dos "Conseils du roi", clientela e título. Sorri-lhe a perspectiva de alcançar uma posição respeitável e de entrar, um dia, na nobreza. Mas a Revolução precisa da energia do "cíclope", o único capaz de defender a nova França contra as investidas de seus inimigos. Assim é que Danton se torna tribuno do povo.

Seu exterior já simboliza sua vocação para o poder, em tempos agitados. De estatura gigantesca, sua figura tem algo de colossal e de maciço. Por cima dos ombros possantes e da nuca musculosa, ergue-se uma cabeça que inspira o terror. O rosto marcado pela varíola com seu nariz achatado, as bochechas redondas e os olhos chamejantes por baixo de sobrancelhas espessas dum preto escuro, quando animado pela cólera, passa para um rubor com tons fortemente bronzeados. A boca em bico de lebre, estremecendo nervosamente, freqüentes vezes toma uma expressão de ironia amarga, de indizível e mortal desdém. Quando está em pé na tribuna dos oradores, sua mão esquerda cinge a anca forte, enquanto a direita se estende acusadora, ameaçadora em direção do adversário, que ela parece arrancar de sua cadeira, erguendo-o violentamente. Depois, a cabeça se abaixa e a nuca, entumescida de raiva assemelha-se à dum touro que quer precipitar-se.

A voz também, impressiona ao menos tanto como a aparência, — essa voz a respeito da qual Desmoulins, arrebatado, disse uma vez que "como o Nilo, somente conhecia as inundações". Sem dúvida, seu órgão vocal é predestinado a chamar as massas para acometer cegamente instituições seculares, para massacrar todos os opressores. Nessa voz, parece estarem concentrados todo o ódio e todo o furor que agita o povo contra a velha ordem.

A-pesar-disso, a energia desse homem não vai além dos limites atingíveis por um bestial furor homicida, que se satisfaz com a vítima imediata e encontra seu fim na saciedade. Enquanto aristocratas privavam o povo dos seus direitos, enquanto possuíam tudo e os pobres nada, Danton se rebelara com arrebatadora violência e destruiu tudo o que embarçava o caminho. Agora, porém, que já não há privilégios nem riquezas, nem palácios dos privilegiados, ele quer desfrutar comodamente o poderio, junto com o povo libertado. Não

acabara acaso a Revolução e não havia chegado o tempo em que tudo havia de tornar-se novamente pacífico, confortável e bom?

O furor de Danton preso a escopos finitos e concretos, não pode ser mantido vivo mercê de planos abstratos, de infinitos objetivos de humanidade. Incapaz de compreender o eterno instinto homicida da abstração, que saciedade alguma pode limitar, entrega-se mais e mais à volúpia dum fera farta.

Quando o previnem de que sua súbita inércia e sua sensualidade vão causar-lhe a perda e insistem para que tome a dianteira sobre os seus inimigos, e os aniquile antes que seja tarde demais, recusa-se, retorquindo: "Para isso, teria de derramar ainda mais sangue e estou farto disso. Sempre derramei sangue somente quando o considerava absolutamente indispensável!"

Um homem que tem desses escrúpulos, não pode ser predestinado a levar até o fim a grande obra que a Revolução se propôs realizar. Ele também tem de acabar pela guilhotina.

Porém, bem diferente do alquebrado Desmoulins, Danton torna a recobrar sua grandeza no cadafalso: "Mostra depois minha cabeça ao povo!" ordena ele ao carrasco, "bem vale a pena. Não é todos os dias que lhe é dado ver coisa igual".

"E", diz um contemporâneo, "ele se foi para sua pátria desconhecida" tal uma gigantesca massa cheia de força, de furor e de virilidade.

* * *

Jean Paul Marat, o sábio nascido em Neuchâtel, é, em todo o seu comportamento, o representante dessa época dedicada às ciências naturais e que considera que sua tarefa, sua razão de ser se resumem unicamente numa compreensão físico-mecânica do mundo e de suas leis.

Durante sua longa estada na Inglaterra, Marat tornou-se célebre graças a trabalhos de medicina e de física e foi nomeado doutor honoris causa pela universidade de St. Andrews. Passou muitos anos sentado, de manhã até a noite, à sua mesa de experiências, no seu laboratório, sem se interessar por coisa alguma senão por seus aparelhos, suas retortas e suas tabelas. Como um possesso apaixonado, junta observações, anota resultados, sempre animado do único desejo de penetrar mais profundamente nas leis misteriosas da natureza.

Nêle, se reconhece o fervor "fáustico" que domina toda a época e seus homens e ainda não conhece a especialização das disciplinas científicas. O doutor Marat, sucessivamente, ocupa-se de problemas medicinais, óticos, químicos, elétricos. Como verdadeiro apóstolo da física, polemiza contra as teorias de Volta, baseando-se nas suas próprias experiências de eletricidade. Com aferrado fanatismo, atira-se a uma discussão sobre química com Lavoisier. Discorda de Newton relativamente à natureza da luz. A este respeito, apresenta algumas